

eisfluências

Revista Literária e de Informação

Fundada em 15 de Outubro de 2009 ⇨ Publicação Bimestral



Outubro de 2012
Ano III - Número XIX
SUPLEMENTO

SUPLEMENTO DE POESIA - 3º ANIVERSÁRIO DA eisfluências POETAS CONSAGRADOS PORTUGAL/BRASIL

Camilo Pessanha
1867/1926

Camilo Pessanha é considerado o expoente máximo do simbolismo em língua portuguesa, além de antecipador do princípio modernista da fragmentação.

Eu vi a luz em um país perdido.
A minha alma é lânguida e inerme
Oh! Quem pudesse deslizar sem ruído!
No chão sumir-se, como faz um verme (...)
(PESSANHA, 1994)



Camilo de Almeida Pessanha nasceu como filho ilegítimo de Francisco António de Almeida Pessanha, um estudante de direito de aristocracia, e Maria Espírito Santo Duarte Nunes Pereira, sua empregada, em 7 de setembro de 1867, às 11.00 horas, na Sé Nova, Coimbra, Portugal.

Tirou o curso de direito em Coimbra. Procurador Régio em Mirandela (1892), advogado em Óbidos, em 1894, transfere-se para Macau, onde, durante três anos, foi professor de Filosofia Elementar no Liceu de Macau, deixando de leccionar por ter sido nomeado, em 1900, conservador do registro predial em Macau e depois juiz de comarca. Entre 1894 e 1915 voltou a Portugal algumas vezes, para tratamento de saúde, tendo, numa delas, sido apresentado a Fernando Pessoa, que era, como Mário de Sá-Carneiro, apreciador da sua poesia.

Perante a sua intenção pública de exercer a advocacia em Macau, os advogados locais caluniam-no, temendo a sua concorrência. É quando inicia, com entusiasmo, o estudo da língua e cultura chinesas. Segundo Danilo Barreiros, compra uma concubina a um corretor, de quem vem a ter, um ano mais tarde, o filho João Manuel.

Mas a sua adaptação ao território de Macau faz-se, devido à fraqueza que o assola, com extrema dificuldade.

Acentua-se a dor e o desespero: «*Que porção de sofrimento que eu trago comigo, de tantas pessoas, desde a mãe de minha mãe, que morreu no hospital! [...]*

Eu mal virei costas e quando olhei para trás tudo era uma ruína. Tudo, tudo: o chão todo em covões, da terra que foi com as raízes. Do castelo não ficou pedra sobre pedra.

E eu, que tinha saudades de quanto ia deixando, até de Barcelona, onde estive cinco dias, até de Colombo onde estive duas horas. Porque a gente é bem um grumo de sangue que por toda a parte se vai desfazendo e vai ficando.

Agora, que solidão a minha! Se alguma vez voltar, meu pai já não há-de estar em Lamego, e em Mouronho não tenho nada: nem parentes, nem amigos, nem duas telhas para me cobrirem. Nem Mangualde, nem Óbidos e a quinta da Pegada, para eu ter minha Mãe em casa minha, nem Mirandela, nem Lisboa, nem Setúbal... Já devem ter despejado o travesseiro que minha Mãe encheu de rosmarinho para eu dormir, já devem ter feito em cacos a pequena chávina da China em que minha Mãe me dava o café, já devem ter deitado ao lume a mesa de pinho em que minha Mãe me punha o jantar.

Quem me dera poder ir acudir a todas essas tristes coisas.

E em redor de mim toda esta estupidez.

Escreva-me, escreva-me, porque, além das suas cartas, nada tenho de meu.»

«*Meu pai imaginará o martírio que terá sido misantropia, raiva, loucura quase lembrar-me que quando voltasse a esse canto do mundo, já tudo estaria mudado.*» (in cartas a seu pai)

Em carta a Alberto Osório de Castro, confessa a sua paixão não correspondida por Ana de Castro Osório, irmã daquele escritor. Defende que, depois de Alberto Osório, Abel Aníbal, Aires de Castro e Almeida e João Jardim se terem dispersado pelo mundo, tinha ficado «*sozinho, expiando a minha soberba e o meu desprezo por quantos não fossem os meus quatro amigos*». Declara ainda: «*Novas amizades também me são impossível adquirir-las. Pois se eu não posso suportar ninguém!*»

Publicou poemas em várias revistas e jornais, mas seu único livro “*Clepsidra*” (1920), foi publicado sem a sua participação (pois se encontrava em Macau) por Ana de Castro Osório, a partir de autógrafos e recortes de jornais. Graças a essa iniciativa, os versos de Pessanha se salvaram do esquecimento. Posteriormente, o filho de Ana de Castro Osório, João de Castro Osório, ampliou a *Clepsidra* original, acrescentando-lhe poemas que foram encontrados. Essas edições foram publicadas em 1945, 1954 e 1969.

Além das características simbolistas que sua obra assume, já bem conhecidas, Camilo Pessanha antecipa alguns princípios de tendências modernistas.

Camilo Pessanha buscou em Charles Baudelaire, proto simbolista francês, o termo “*Clepsydra*”, que elegeu como título do seu único livro de poemas, praticando uma poética da sugestão como proposta por Mallarmé, evitando nomear um objeto direta e imediatamente.

Por outro lado, segundo o pesquisador da Universidade do Porto, Luís Adriano Carlos, o seu chamado “metaforismo” entraria no mesmo rol estético do imagismo, do interseccionismo e do surrealismo, buscando as relações analógicas entre significante e significado por intermédio da clivagem dinâmica dos dois planos.

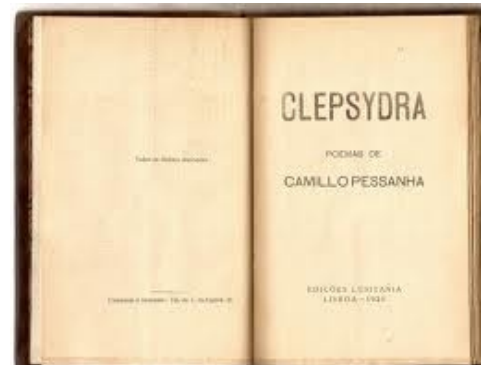
Junto de sua fragmentação sintática, que segundo a pesquisadora da Universidade do Minho Maria do Carmo Pinheiro Mendes substitui um mundo ordenado segundo leis universalmente reconhecidas, por um mundo fundado sobre a ambiguidade, a transitoriedade e a fragmentação, podemos encontrar na obra de Camilo Pessanha, de acordo com os dois autores citados, duas características que costumam ser mais relacionadas à poesia moderna que ao Simbolismo mais convencional.

Parte da sua obra:



Poesia (manuscritos) - *Caderno Poético de Camilo Pessanha; Ó Meu Coração Torna para Trás; Viola Chinesa; Desejos; San Gabriel; Rosas de Inverno; Passou o Outono Já, Já Torna o Frio;*

Livros - *Clepsydra*. Lisboa, Lusitânia Ed. Ana de Castro Osório, 1920, 1ª edição (Há edição fac-símile publicada pela Ecopy em 2009)
Clepsydra. Lisboa, Atica, Ed. João de Castro Osório, 1945, 1956 (reimp.)
Clepsydra e Outros Poemas, Ed. João de Castro Osório, Lisboa, Atica 1969
Caderno Poético de Camilo Pessanha, Macau, Edição dos Serviços de Educação e Cultura da Biblioteca Nacional de Macau, 1985.
Clepsydra - Poemas de Camilo Pessanha, São Paulo, Editora da UNICAMP, 1992.



Textos dispersos em publicações periódicas - “*San Gabriel*”. *Jornal Único*, Macau, 7 Maio 1897

“*Rosas de Inverno*”. *O Porvir*, Hong-Kong, 21 Dezembro 1901

“*Branco e Vermelho*”. *Ideia Nova*, Macau, (13) 18 Março 1929 (número integralmente dedicado a Camilo Pessanha).

“O “*Caderno*” de Camilo Pessanha” (apresentação de Danilo Barreiros). *Persona*, Porto, (10) Julho 1984.

Ensaio e Traduções - Livros - *Kuok Man Kan To Shu Leituras Chinesas* (livro escolar, em colaboração com José Vicente Jorge). Macau, Editora da Tipografia Mercantil de N. T. Fernandes e Filhos, 1915;

Catálogo da Coleção de Arte Chinesa Oferecida ao Museu Nacional. Macau, Imprensa Nacional, 1916 (exemplar, com dedicatória, oferecido a José Vicente Jorge).

Homenagem aos Aviadores que Completaram o 10 Raid Aéreo Lisboa-Macau. Macau, 1924;

Oito Elegias Chinesas. Lisboa, Edições Descobrimento, 1931 (separata).

China, Estudos e Traduções, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1944.

Camões nas Paragens Orientais (em colaboração com Wenceslau de Moraes). Porto, Tipografia Mendonça, 1951., (inclui o ensaio “*Macau e a Gruta de Camões*”).

Testamento de Camilo Pessanha, Lisboa, Bertrand Editora, 1961.

Cartas a Alberto Osório de Castro, João Baptista de Castro e Ana de Castro Osório (organização de Maria José Lancastre). Lisboa, Imprensa Nacional, 1984.

Contos, Crónicas, Cartas Escolhidas e Textos de Temática Chinesa, Lisboa, Publicações Europa-América, 1988.

Camilo Pessanha Prosador e Tradutor, organização, prefácio e notas de Daniel Pires; IPOR / ICM, 1992

Textos dispersos - “*Estética Chinesa*”. *A Verdade*, Macau, (85) 2 Junho 1910.

Prefácio a *Esboço Crítico da Civilização Chinesa* de J. António Filipe de Moraes Palha. Macau, Tipografia Mercantil de N. T. Fernandes e Filhos, 1912.

“*Violoncelos*”. *Centauro*, Lisboa, (1) Outubro 1916.

“*Macau*”. *O Mundo Português*, Lisboa, (17) Maio 1935.

“*Uma Conferência de Camilo Pessanha*”. *Persona*, Porto, (11/12) Dezembro 1985.

“*Legenda Budista*”. *A Academia*, Macau, (3) 1 Dezembro 1920.

“*Vozes do Outono*” in *Anuário de Macau para 1927*. Macau, coordenação do Governo da Província.

“*ChonKôChao*” in *China País de Angústia* de Ruy Sant’Elmo, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1938.

Camilo Pessanha morreu no dia 1 de Março de 1926 em Macau, devido ao uso excessivo de Ópio.

Sonetos de Camilo Pessanha

ESTÁTUA Camilo Pessanha

Cansei-me de tentar o teu segredo:
No teu olhar sem cor, - frio escalpelo,
O meu olhar quebrei, a debatê-lo,
Como a onda na crista dum rochedo.

Segredo dessa alma e meu degredo
E minha obsessão! Para bebê-lo
Fui teu lábio oscular, num pesadelo,
Por noites de pavor, cheio de medo.

E o meu ósculo ardente, alucinado,
Esfriou sobre o mármore correto
Desse entreaberto lábio gelado...

Desse lábio de mármore, discreto,
Severo como um túmulo fechado,
Serenoso como um pélagos quieto.

Tatuagens complicadas do meu peito Camilo Pessanha

Tatuagens complicadas do meu peito:
Troféus, emblemas, dois leões alados...
Mais, entre corações engrinaldados,
Um enorme, soberbo, amor-perfeito...

E o meu brasão... Tem de oiro, num quartel
Vermelho, um lis; tem no outro uma donzela,
Em campo azul, de prata o corpo, aquela
Que é no meu braço como que um broquel.

Timbre: rompante, a megalomania...
Divisa: um ai, - que insiste noite e dia
Lembrando ruínas, sepulturas rasas...

Entre castelos serpes batalhantes,
E águias de negro, desfraldando as asas,
Que realça de oiro um colar de besantes!

Vénus I Camilo Pessanha

À flor da vaga, o seu cabelo verde,
Que o torvelinho enreda e desenreda...
O cheiro a carne que nos embebeda!
Em que desvios a razão se perde!

Pútrido o ventre, azul e aglutinoso,
Que a onda, crassa, num balanço alaga,
E reflui (um olfato que se embriaga)
Como em um sorvo, murmura de gozo.

O seu esboço, na marinha turva...
De pé flutua, levemente curva;
Ficam-lhe os pés atrás, como voando...

E as ondas lutam, como feras muge, m
A lia em que a desfazem disputando,
E arrastando-a na areia, co'a salsugem

Esbelta surge! Camilo Pessanha

Esbelta surge! Vem das águas, nua,
Timonando uma concha alvinitente!
Os rins flexíveis e o seio fremente...
Morre-me a boca por beijar a tua.

Sem vil pudor! Do que há que ter vergonha?
Eis-me formoso, moço e casto, forte.
Tão branco o peito! - para o expor à Morte...
Mas que ora - a infame! - não se te anteponha.

A hidra torpe!... Que a estrangulo! Esmago-a
De encontro à rocha onde a cabeça te há de,
Com os cabelos escorrendo água,

Ir inclinar-se, desmaiar de amor,
Sob o fervor da minha virgindade
E o meu pulso de jovem gladiador.

Desce em folhedos tenros a colina Camilo Pessanha

Desce em folhedos tenros a colina:
- Em glaucos, frouxos tons adormecidos,
Que saram, frescos, meus olhos ardidos,
Nos quais a chama do furor declina...

Oh vem, de branco, - do imo da folhagem!
Os ramos, leve, a tua mão aparte.
Oh vem! Meus olhos querem desposar-te,
Refletir virgem a serena imagem.

De silva doida uma haste esquiva.
Quão delicada te osculou num dedo
Com um aljôfar cor de rosa viva!...

Ligeira a saia... Doce brisa impele-a...
Oh vem! De branco! Do imo do arvoredo!
Alma de silfo, carne de camélia...

Olvido Camilo Pessanha

Depois da luta e depois da conquista
Fiquei só! Fora um ato antipático!
Deserta a Ilha, e no lençol aquático
Tudo verde, verde, - a perder de vista.

Porque vos fostes, minhas caravelas,
Carregadas de todo o meu tesoiro?
- Longas teias de luar de lhama de oiro,
Legendas a diamantes das estrelas!

Quem vos desfez, formas inconsistentes,
Por cujo amor escalei a muralha,
- Leão armado, uma espada nos dentes?

Felizes vós, ó mortos da batalha!
Sonhais, de costas, nos olhos abertos
Refletindo as estrelas, boquiabertos...

Olavo Bilac (1865/1918)

***“Há quem me julgue perdido, porque ando a ouvir estrelas.
Só quem ama tem ouvido para ouvi-las e entende-las...”***

(Olavo Bilac)



Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac (Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1865 - Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1918) foi um jornalista e poeta brasileiro, membro fundador da Academia Brasileira de Letras em 1896. Criou a cadeira 15, cujo patrono é Gonçalves Dias.

Conhecido por sua atenção à literatura infantil e, principalmente, pela participação cívica; era republicano e nacionalista; também era defensor do serviço militar obrigatório. Bilac escreveu a letra do Hino à Bandeira e fez oposição ao governo de Floriano Peixoto. Em 1907, foi eleito "príncipe dos poetas brasileiros", pela revista Fon-Fon. Bilac, autor de alguns dos mais populares poemas brasileiros, é considerado o mais importante de nossos poetas parnasianos.

Filho de Brás Martins dos Guimarães Bilac e de sua mulher Delfina Belmira Gomes de Paula e neto paterno de João Martins dos Guimarães Bilac e de sua mulher Angélica Pereira da Fonseca, irmã do 1.º Visconde de Maricá e 1.º Marquês de Maricá, era considerado um aluno aplicado, conseguindo, aos 15 anos - antes, portanto, de completar a idade exigida - autorização especial de ingressar no curso de Medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a gosto do pai e a contra gosto próprio, que era médico da então Guerra do Paraguai.

Começa a frequentar as aulas, mas seu trabalho da redação da Gazeta Acadêmica absorve-o mais do que a sisuda anatomia. Do mesmo modo, no tempo de colégio, deliciava-se com as viagens que os livros de Júlio Verne lhe ofereciam à fantasia. No menino e no jovem já se manifestavam as marcas de sua paixão futura: o fascínio do poder criador da palavra.

Bilac não concluiu o curso de Medicina e nem o de Direito, que frequentou posteriormente, em São Paulo. Bilac foi jornalista, poeta, frequentador de rodas de boêmias e literárias do Rio. Sua projeção como jornalista e poeta e seu contato com intelectuais e políticos da época conduziram-no a um cargo público: o de inspetor escolar.

Sua estreia como poeta, nos jornais cariocas, ocorreu com a publicação do soneto *"Sesta de Nero"* no jornal Gazeta de Notícias, em Agosto de 1884. Aos poucos profissionaliza-se: produz, além de poemas, textos publicitários, crônicas, livros escolares e poesias satíricas. Visa contar através de seus manuscritos a realidade presente na sua época. Em 1891, com a dissolução do parlamento e a posse de Floriano Peixoto, intelectuais perdem seu protetor, Dr. Portela, ligado com o primeiro presidente republicano Deodoro da Fonseca. Fundado "O Combate", órgão antiflorianista e a instalação do estado de sítio, Bilac é preso e passa quatro meses detido na Fortaleza da Laje, no Rio de Janeiro.

O grande amor de Bilac foi Amélia de Oliveira, irmã do poeta Alberto de Oliveira. Chegaram a ficar noivos, mas o compromisso foi desfeito por oposição de outro irmão da noiva, desconfiado de que o poeta era um homem sem futuro. Seu segundo noivado fora ainda menos duradouro, com Maria Selika, filha do violonista Francisco Pereira da Costa. Viveu só sem constituir família até o fim de seus dias.

Escreveu diversos livros escolares, ora sozinho, ora com Coelho Neto ou com Manuel Bonfim. Já consagrado em 1907, o autor do Hino da Bandeira é convidado para liderar o movimento em prol do serviço militar obrigatório, já matéria de lei desde 1907, mas apenas discutido em 1915. Bilac se desdobra para convencer os jovens a se alistarem.

Já no fim de sua vida, em 1917, Bilac recebe o título de professor honorário da Universidade de São Paulo.

É como poeta Bilac que se imortalizou. Foi eleito Príncipe dos Poetas Brasileiros pela revista Fon-Fon em 1907. Juntamente com Alberto de Oliveira e Raimundo Correia, foi a maior liderança e expressão do Parnasianismo no Brasil, constituindo a chamada Tríade Parnasiana. A publicação de Poesias, em 1888 rendeu-lhe a consagração.

Principais obras:

Antologia poética; Através do Brasil; Conferências literárias (1906); Contos Pátrios; Crítica e fantasia (1904); Crônicas e novelas (1894); Dicionário de rimas (1913); Hino à Bandeira; Ironia e piedade, crônicas (1916); Língua Portuguesa, soneto sobre a língua portuguesa; Livro de Leitura; Poesias (1888); Tarde (1919) - Poesia, org. de Alceu Amoroso Lima (1957); Teatro Infantil; Tratado de Versificação - em colaboração com Guimarães Passos; Tratado de versificação (1910)

Língua Portuguesa

Olavo Bilac

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela
E o arrollo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: "meu filho!"
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

No poema “*Língua Portuguesa*”, o autor parnasiano Olavo Bilac faz uma abordagem sobre o histórico da língua portuguesa, tema já tratado por Camões. Este poema inspirou outras abordagens, como o poema 'Língua', de Gilberto Mendonça Teles e 'Língua', de Caetano Veloso.

Partindo para uma análise semântica do texto literário, observa-se que o poeta, com a metáfora '*Última flor do Lácio, inculta e bela*', refere-se ao fato de que a língua portuguesa ter sido a última língua neolatina formada a partir do latim vulgar falado pelos soldados da região italiana do Lácio.

No segundo verso, há um paradoxo: '*És a um tempo, esplendor e sepultura*'. 'Esplendor', porque uma nova língua estava ascendendo, dando continuidade ao latim. 'Sepultura' porque, a partir do momento em que a língua portuguesa vai sendo usada e se expandindo, o latim vai caindo em desuso, 'morrendo'.

No terceiro e quarto verso, '*Ouro nativo, que na ganga impura / A bruta mina entre os cascalhos vela*', o poeta exalta a língua que ainda não foi lapidada pela fala, em comparação às outras também formadas a partir do latim.

O poeta enfatiza a beleza da língua em suas diversas expressões: oratórias, canções de ninar, emoções, orações e louvores: '*Amo-te assim, desconhecida e obscura, / Tuba de alto clangor, lira singela*'. Ao fazer uso da expressão '*O teu aroma / de virgens selvas e oceano largo*', o autor aponta a relação subjetiva entre o idioma novo, recém-criado, e o 'cheiro agradável das virgens selvas', caracterizando as florestas brasileiras ainda não exploradas pelo homem branco. Ele manifesta a maneira pela qual a língua foi trazida ao Brasil através do oceano, numa longa viagem de caravela quando encerra o segundo verso do terceto.

Ainda expressando o seu amor pelo idioma, agora por meio de um vocativo, '*Amo-te, ó rude e doloroso idioma*', Olavo Bilac alude ao fato de que o idioma ainda precisava ser moldado e, impor essa língua a outros povos não era um tarefa fácil, pois implicou destruir a cultura de outros povos.

No último terceto, para finalizar, quando o autor diz: '*Em que da voz materna ouvi: 'meu filho!'/ E em que Camões chorou, no exílio amargo / O gênio sem ventura e o amor sem brilho*', ele utiliza uma expressão fora da norma ('meu filho') e refere-se a Camões, quem consolidou a língua portuguesa no seu célebre livro '*Os Lusíadas*', uma epopeia que conta os feitos grandiosos dos portugueses durante as 'grandes navegações', produzida quando esteve exilado, aos 17 anos, nas colônias portuguesas da África e da Ásia. Desse exílio, nasceu '*Os Lusíadas*', uma das oitavas epopeias do mundo.”

Outros poemas de Olavo Bilac

Longe de ti Olavo Bilac

Longe de ti, se escuto, porventura,
Teu nome, que uma boca indiferente
Entre outros nomes de mulher murmura,
Sobe-me o pranto aos olhos, de repente...

Tal aquele, que, mísero, a tortura
Sofre de amargo exílio, e tristemente
A linguagem natal, maviosa e pura,
Ouve falada por estranha gente...

Porque teu nome é para mim o nome
De uma pátria distante e idolatrada,
Cuja saudade ardente me consome:

E ouvi-lo é ver a eterna primavera
E a eterna luz da terra abençoada,
Onde, entre flores, teu amor me espera.

Criação Olavo Bilac

Há no amor um momento de grandeza,
que é de inconsciência e de êxtase bendito:
os dois corpos são toda a Natureza,
as duas almas são todo o Infinito.

Um mistério de força e de surpresa!
Estala o coração da terra, aflito;
rasga-se em luz fecunda a esfera acesa,
e de todos os astros rompe um grito.

Deus transmite o seu hálito aos amantes;
cada beijo é a sanção dos Sete Dias,
e a Gênese fulgura em cada abraço;

porque, entre as duas bocas soluçantes,
rola todo o Universo, em harmonias
e em glorificações, enchendo o espaço!

Um beijo Olavo Bilac

Foste o beijo melhor da minha vida,
ou talvez o pior...Glória e tormento,
contigo à luz subi do firmamento,
contigo fui pela infernal descida!

Morreste, e o meu desejo não te olvida:
queimas-me o sangue, enches-me o pensamento,
e do teu gosto amargo me alimento,
e rolo-te na boca malferida.

Beijo extremo, meu prêmio e meu castigo,
batismo e extrema-unção, naquele instante
por que, feliz, eu não morri contigo?

Sinto-me o ardor, e o crepitar te escuto,
beijo divino! e anseio delirante,
na perpétua saudade de um minuto...

A Ronda Noturna Olavo Bilac

Noite cerrada, tormentosa, escura,
Lá fora. Dormem em trevas o convento.
Queda imoto o arvoredado. Não fulgura
Uma estrela no torvo firmamento.

Dentro é tudo mudez. Flébil murmura,
De espaço a espaço, entanto, a voz do vento:
E há um rasgar de sudários pela altura,
Passo de espectros pelo pavimento...

Mas, de súbito, os gonzos das pesadas
Portas rangem... Ecoa surdamente
Leve rumor de vozes abafadas.

E, ao clarão de uma lâmpada tremente,
Do claustro sob as tácitas arcadas
Passa a ronda noturna, lentamente...

POETAS CONTEMPORÂNEOS

AMIZADE

Ivone Boechat

A amizade
é o mais belo afluente do amor,
ela ajuda a resolver,
com paciência,
as complicadas equações
da convivência humana.

A amizade
é tão forte quanto o amor,
ela educa o amor,
sinalizando o caminho da coerência,
apontando as veredas da justiça,
controlando os excessos da paixão.

A amizade
é um forte elo que une pessoas
na corrente do querer.
Amizade é cola divina,
cola demais, pode doer.

A amizade
tem muito mais juízo
que o amor;
quando ele se esgota
e cisma de ir embora,
ela se propõe a ficar
vigilando o sentimento que sobrou.

A Flor de Maria é Poesia

Augusta Schimidt

Beijou-lhe a mão o poeta
Deixando o perfume da flor
Maria... Poesia é amor...

Maria, menina mulher,
Suave orvalho, doce sereno,
Entre todas é a mais bela...
Uma rosa amarela!

Maria, rosa flor,
Símbolo sagrado de um grande amor
Em vida fez-se querida

E quando chegar a hora da partida,
Eterna se fará, a rosa amarela,
Quando na despedida
Alguém deitá-la ao mar...

Campinas/SP

DO AMANHECER AO ANOITECER

Ilda Maria Costa Brasil

Nosso dia a dia é um contextualizar
tudo e todos.
Na busca de compreender o mundo
e a nós mesmos,
deparamo-nos com sonhos fantásticos
e realidades desencantadoras
numa constante ruptura
com o eu emocional e o racional.
Nesse aflorar e extravasar
sensações e experiências,
muitos subterfúgios e descobertas.

DESAMOR

Ervin Figueiredo

Não ! Não houveram sobras, nem restos,
E do que sobrou, pouco se aproveita.
Foram só momentos e também modestos,
Com olhos de fera que sua presa espreita.

Marcas num coração cheio de cicatrizes,
Que amou demais e se perdeu de si,
Como relâmpago que revela mil matizes
Em segundos, nem lembro mais que vi...

Emoção se houve, não percebi também,
Mentiras contadas tal como ninguém,
Revelando um ser de sentimentos vis...

Na lembrança guardo, para não lembrar
Que passei por isso sem querer passar,
Pensando apenas ter, momentos mais sutis...

VOAR NO INFINITO É...

Henrique Lacerda Ramalho

Voar no Infinito é deixar que o espírito saia do corpo...
vagueando num espaço que não é o nosso...
é saltar kilimanjaros,
é ultrapassar a galáxia...
mergulhar nas profundezas oceânicas...
nos perdermos no tempo e no espaço...
é estar na multidão sozinhos...
é sentar e ficar olhando o infinito no horizonte...
é a sensação que nem estamos sabendo se estamos deitados,
de pé ou sentados...
é algo bom...
de tranquilidade, de ausência de para onde vamos...
de esvaziamento da matéria
de que somos feitos...
é não sentir a morte que provocamos
ou que se realiza momento a momento,
ou que somos o alvo do atirador, da mina, da armadilha, da
emboscada...
é não sentir a alma preocupada com mesquinhas
e temporais preocupações do minuto seguinte ou passado...
voar no infinito é sentir
que o espaço vital não tem qualquer importância,
do esvaziamento do bem-estar...
Cuiabá/Brasil

O teu Amor é meu abrigo...

Gérson alves

Adoro ver
Nos teus olhinhos
O brilho das estrelas...

O teu sorriso
É o carinho
Do meu coração

Não penso mais
Em sofrimentos
Nem vou temer
A solidão...

O teu amor
É meu abrigo
Minha proteção!
Viamão-RS.BRASIL!!

UM SOL SÓ PARA VOCÊ

José Ernesto Ferraresso

O sol avermelhado atrás dos edifícios
faz-me divagar em mistérios.
Meus sufocos são constantes,
em meu íntimo, aguardo sua volta.
Desenho seu nome no céu,
escrevo com emoções e ofereço-lhe
um sol para você.
Consgo tirar uma recordação
e uma esperança.
Sei que este sol vai despontar sua altivez,
seus ânimos e vai chegar
num próximo amanhecer.
Gravo seu nome nas areias dessa praia
que fico a olhar distante,
e não vejo a hora de você retornar.
Em silêncio, tento desvendar sua partida
pois sei que em alguma alvorada,
vai aparecer para recuperar a luz
que perdeu, e agradecer a este sol,
que fez seu valor enaltecido.

Serra Negra /SP

UM SONHO DE AMOR

Maria Tomasia

Há muitos anos tu és o sonho
de um amor que jamais pensei viver.
Por ele, todas barreiras transponho,
porque é tudo que quero receber.

Em qualquer lugar faço poesia;
fico feliz quando me chamam.
Vivo em estado de intensa magia,
por saber que também me amas,

Olhamos o céu para ver as estrelas,
absorvemos o perfume das flores;
perto de nós procuramos mantê-las
só pra termos um universo de cores.

Vivemos um amor real e racional,
um sentimento que não se explica.
Apenas o sentimos como natural;
de algo assim,ninguém abdica.

Somos amigos, cúmplices e amantes
em todos os instantes da nossa vida.
Amor igual, nunca houve antes:
cada dia, mais e mais se consolida.

O respeito faz um amor duradouro,
quem o tem, possui um tesouro!

RJ/Brasil

O PESO DA SOLIDÃO

Adelia Mateus

A solidão é maior fantasma no escuro mundo
ela aumenta , o crepúsculo dolente do meu coração.
Não quero passar o dia, a noite ,vencida pelas lágrimas...
quero ser Eu, sem disfarce, quero chorar de felicidade,
dormir na tranquilidade de um anjo imaginário ...

Quero transformar meus sonhos em realidade...
pintados com as cores do arco-íris e o calor do sol.
Quero que o mundo saiba que acredito na felicidade...
gritar à vida, que quero amar e ser amada sorrindo!

Que as horas más fiquem esquecidas no caminhar
dos tempos, em sonhos e desejos bem distantes.
Quero apenas a mão amiga para caminhar comigo...
ombro que possa segurar meus passos vacilantes.

Não posso mais viver neste silêncio que me devora,
ele me sufoca em negrume, nas horas que me mentem...
fronteira em todos os minutos nos gestos do meu viver,
quero ser a sonhada realidade liberta de solidão!

A POESIA NÃO MORRE...

Maura Soares

A Poesia não acaba quando morre um poeta.
Desde tempos imemoriais ela existe.
Está presente na água da chuva que bate e rebate
numa lata formando sons; no sorriso de uma criança;
na paisagem de um trigal ondulado pelo vento;
no som das cordas de um violão
quando o cancioneiro o dedilha e oferece
a música à sua amada.

A Poesia não morre quando o poeta
volta para Casa, dando por cumprida sua meta
em divulgá-la, em encher o coração
das pessoas de pureza, de sensibilidade, de amor.

A Poesia não morre quando viaja
o poeta para lugares que só em sua mente
ela vivia e depois a transformava em forma
de versos e a deixava para a posteridade.
A Poesia não morre quando morre um poeta.
Sua existência aqui neste planeta é finita,
mas seu espírito viaja ao que é desconhecido para nós,
mas que ele sabe que sua passagem é transitória,
pois quando parte vai rever do outro lado
seus rios, seus montes e cascatas que tanto
o inspiraram em seus versos.

A Poesia não morre quando morre um Poeta...

Maura Soares

EXTREMOS

Raymundo de Salles Brasil

A mocidade é como a luz, brilha e clareia;
Como a fogueira em chamas que crepita e arde;
A mocidade é como o sol, luz e incendeia;
É grito, é alvoroço, é movimento, é alarde.

Mas a velhice, não, é como um fim de tarde,
Preso fácil da noite que a enreda e enteia,
E que, sem pena a traga, a escuridão covarde.
Ah! Se ao menos tivesse a luz da lua cheia!

Uma folha caindo murcha e ressecada
É a esperança do velho, exânime, cansada,
Ao sopro extenuado e exangue de seu sonho.

É seiva a vida, é flor o sonho esse colosso
E o fruto sazonado é a esperança do moço;
Aos pés da juventude eu me prostro e me ponho.

O MEU CASTELO

Tito Olívio

Aqui, no meu castelo, eu sou rei.
Não tenho corte, nem adaladores,
Por isso ninguém segue o que ditei,
Nem tenho de pagar a alguém favores.

A vida tenho presa no que amei,
E já não quero mais falsos amores.
As memórias daquilo que passei
Mortas ficaram, sem nenhuma flores.

A levadiça ponte levantada
Evita que me forcem a entrada,
Para que viva aqui em segurança.

O tempo foi-se embora. Nesta idade,
Não tem sentido o sonho ou a saudade
E a minha força, agora, é a esperança.

Tito Olívio/Portugal

TORRE DE BELÉM

© Joaquim Marques

Num ilheu ribeirinho, junto ao Tejo
Com esse teu ar altivo, és rainha...
Torre de Belém - te chamam - assim te vejo;
És marco eterno desta Pátria minha!

Tua muralha avança rio adentro
Sua água, te beija suavemente;
És um augusto e belo monumento
Do meu país, Fortaleza de São Vicente!

Escrínio que o Sol e o Tejo velam
Eles te poalham com ouro sobre azul...
Num matizado que te dá mais nobreza!

Foste, outrora, baluarte da capital.
Hoje, és flor... És pérola... És pingente...
És joia querida, deste meu Portugal!

Porto/Portugal

In...decisão!!!

António Boavida Pinheiro

Há momentos na vida cruciais,
que tens forçosamente decidir,
não sabes muito bem para onde vais,
mas por algum caminho tens que ir...

Para o qual há factores essenciais,
aos quais não poderás nunca fugir...
Só mais tarde os efeitos pessoais,
te ensinam a chorar ou a sorrir...

Também agora eu penso ter vivido,
alguns desses momentos, pois então,
sem saber se o melhor foi decidido!

Gostaria talvez ali voltar,
para pensar melhor, com atenção,
e assim poder o engano reparar...

Lisboa/Portugal

Soneto dos meus caminhos

Oleg Almeida

Não defini nem predisse nenhum dos caminhos meus:
Foram aqueles caminhos que me conduziram, tortos,
Da placidez do meu lar ao mais amplo dos coliseus,
Onde se impunham os vivos poltrões por guerreiros mortos.

Houve delícias e dores, velórios e jubileus
Na transferência da terra natal para os outros portos;
Houve ideais que, tomados por obras do próprio Deus,
Pelas inépcias humanas seriam de todo absortos.

Quem vencedor, perdedor, escritor ou, talvez, impostor
Sou? Se pudesse escolher, que carreira então seguiria?
Não adianta contar quantas pétalas tem certa flor.

Mesmo sem ter alcançado a mínima sabedoria,
Sei distinguir, como os doutos, o tântrico ímã do amor
E a timidez ante o vácuo da irrita agorafobia!

DF, Brasil

A pecadora

António Barroso (Tiago)

- Jesus, perante vós, esta mulher
P'ra ser cumprida a lei da nossa gente,
Colocada, junto ao muro, de frente,
E que lhe atire pedras quem quiser.

- Será que a sua culpa assim requer
Ser ela, em vez de presa, assassinada?
-Mas Jesus, deve a lei ser respeitada
Suceda o que suceda, haja o que houver.

- Naquilo que dizeis, tendes razão,
Mas quero-vos pôr uma condição
Olhou em redor e, a seguir, falou:

- Só a primeira pedra vai lançar
Quem olhar para mim e me jurar
Que nunca, nesta vida, ele pecou.

Parede Portugal

A alma é ave!

Fahed Daher

Minh' alma é ave, busca firmamentos,
 necessita voar pêlos espaços
 e nesse vôo encontrar regaços
 onde possa pousar sem mais tormentos.
 O amigo A rocha no alto da montanha-
 onde uma gruta proporcione abrigo,
 protegido dos raios e da sanha
 dos dissabores e dos inimigos.
 Vá, pensamento meu!
 Vá, pelo espaço.
 - Minh' alma transformada em pensamento -
 Meu pensamento que em palavras traço.
 Encontre um coração que lhe de alento,
 - A rocha da montanha, um bom regaço -
 Onde possa gerar contentamento.
 Cada um de nós é pássaro e é montanha,
 recebe abrigo e fornece abrigo.
 Recebam estes pássaros que desejam, também,
 ser úteis.

CESTO VAZIO

Glória Marreiros)

Colhi os sorrisos que a vida me deu
 Em cesto de afetos, com tons de alvorada.
 Depois, fui com eles, em longa jornada,
 Por vales e montes, num louco apogeu.

Vi pedras caídas nas noites de breu
 E choros vermelhos em boca calada,
 Caminhos cortados, com muita ramada,
 E ninhos sem aves, perdidos, no céu.

Senti que esses vultos que vi no caminho
 Olhavam meu cesto, queriam carinho,
 Que desse aos desejos os sonhos de outrora.

Peguei nos sorrisos e dei-os a todos,
 Saíram, contentes, do fundo dos lodos.
 De cesto vazio, feliz, fui-me embora.

Portimão/Portugal

REINADO DE LUZ

Carlos Lúcio Gontijo

(homenagem que faço a João Musgueiro, grande líder das festas de Folia de Reis na cidade onde moro (Santo Antônio do Monte, em Minas Gerais), que faleceu no dia 27 de agosto de 2012.)

Mestre conhecido por todo bom 'congadoiro'
 João Musgueiro se mudou para o firmamento
 Onde ao Criador empresta agora o seu talento
 Santo Antônio do Monte herdou-lhe a folia
 Numa alegria que não se encerra
 Batuque rasgando o ventre da terra
 Passos de gente e de todo santo
 Num canto de gemido sem desamor
 Flor de riso semeado na cor do fole
 Não há quem assim não se console
 Quando o corpo bole ao som do tambor
 Gerado na triste dor da escravidão
 Do negro dançando no ritmo da luta
 Enfrentando a força bruta do patrão
 Clamando aos céus por alguma liberdade
 Sob a vontade de tornar-se cidadão alado
 Viver um reinado de mais pura luz
 Mas hoje em plena igualdade de direito
 O afrodescendente é festejado e aceito
 A música do escravo virou folclore
 É favo de mel que nossa vida colore!

A SAUDADE

Adailton Guimarães

(O Engenheiro Poeta)

SAUDADE, UM QUÊ QUE NÃO SE DIZ NEM SE EXPLICA
 ALGO DE UM UM BEM QUE PARTE, MAS NOS FICA
 ENCHENDO A VIDA DE RECORDAÇÕES
 ESSE QUÊ MISTERIOSO E NÃO DESCRITO
 DE QUE TANTO SE INUNDA UM PEITO AFLITO
 É A SAUDADE QUE NOS FERRE O CORAÇÃO.

SAUDADE, O COLEGUISMO RELEMBRADO
 TEMPO DITOSO E NÃO MAIS VOLTADO
 EM QUE OS COLEGAS ERAM COMO IRMÃOS
 DOS PROFESSORES, DO LABOR, FADIGAS
 DAS ALEGRIAS, AFLIÇÕES. INTRIGAS
 RESTAM SAUDADES, SENTIMENTOS SÃOS.

SAUDADE, UM QUÊ QUE JÁ PASSOU PERDIDO,
 O DOCE AMOR DE OUTRORA, HOJE UM GEMIDO,
 TUDO O QUE FOI E NÃO VOLTA MAIS
 E ENQUANTO HOVER NA TERRA A HUMANIDADE
 HÁ DE EXISTIR TAMBÉM MUTTA SAUDADE
 SAUDADES MIL, SAUDADES PERENAIAS.

BÉSAME MUCHO

Ivone Vebber

PROCURO ALGUÉM
 NO MEIO DESTAS PESSOAS
 CANTO BÉSAME MUCHO
 E NINGUÉM ME BELJOU
 NEM VAI.
 MAS GOSTO DA SENSACÃO
 DE CANTAR BAIXINHO....
 ASSIM CONSIGO AMAR
 ATÉ QUEM ODEIO.

II - ESSENCIAL

QUERIA DAR MEU SONHO
 A QUEM NÃO TEM
 NEM DORMIDO...
 SONHO DE PAZ, DE VAZIO,
 DE BRANCO RACIONAL
 DE NÃO MAIS SOFRER
 SÓ LEVITAR
 ALGUÉM QUER SE ESQUECER?

Caxias do Sul/RS

LINDO LUGAR

Edeilton dos Santos (Dé Barrense)

OLHA QUE COISA MAIS LINDA
 TA CHEGANDO NO PÉ DA EMBAÚBA
 UMA ARARA E UM SABIÁ
 SE JUNTANDO A UM BIGUÁ.

OLHA PRA LAGOA VERDE
 IRERÊ, BORBOLETA E CHUPIM.
 GAVIÃO, ANTA, JACARÉ E FRANGO D'ÁGUA
 TAMBÉM ESTÃO ALI

FOI NA TRILHA DA ÁGUA QUE VI
 A PAISAGEM MAIS LINDA DQUI
 FAUNA E FLORA

E NESTE LINDO LUGAR
 COM CRIANÇAS DE TODO BRASIL
 APRENDO SOBRE A NATUREZA

Barra-Bahia

Legado

Ariovaldo Cavarzan

Restarão lembranças guardadas em retinas de afetos,
Reminiscências plantadas em searas de coração,
Marcas deixadas em caminhos trilhados,
Benquerenças de amigo e saudades de irmão.

Ficarão ausências sentidas em esperas gravadas,
Impreenchíveis vazios fincados em solo de emoção,
Sonhos buscados em quimeras baldadas,
Ritos marcados em clamores em vão.

Restarão pétalas de outono, caídas em relva,
E secas hastes penadas, em altivas palmeiras,
Até desprender-se ao encontro do chão.

Ficarão claridades em semblantes felizes,
E solidões lapidadas em ausências de amor.

Restará a fé, em vivazes e imortais flamas,
Bruxuleando o sentido evolvente da vida,
Nas almas soprada pelo Criador.

Quem é Você

Nancy Cobo

Quem é você ?

quantas vezes perguntamos e ficamos sem resposta
Será que você existe

Ou foi um pesadelo que surgiu na vida
Quantas vezes pensamos que conhecemos
um ser humano bom, de caráter
de coração puro... e nos enganamos.

Você um mostro revestido de anjo

Um dia você vai aprender a se respeitar, ai quem sabe
aprenderás a respeitar os sentimentos
dos outros, e assim aprender a amar.

Você não se ama, não ama a nenhum dos seus

Como esperar receber amor de um ser que pensa ser gente...
De uma pessoa, que não sabe o que é amar.

Um dia, você vai sentir falta de olhar para o lado
e não ter um amigo, um irmão
um filho, uma mulher a tua espera.

Ai sim, vai saber o que é brincar
iludir, mentir e enganar alguém,
pois sentirá a pior dor que existe
a dor da saudade da solidão.

A dor de ser ignorado,
Quem é você...

AO CAIR DA FOLHA

Antônio da Cunha Duarte Justo

A vida agora no chão
No misto das cores reunida
Lembra ainda o doce botão,
Nas asas duma borboleta

As hastes nuas, descobertas
Sem a voz dos passarinhos,
Agora para o céu erguem
Um silêncio de reza limpa

Nas catacumbas da noite
Uma vela trémula respira
O ar rarefeito

A CHEGADA E A PARTIDA !

Adriano Augusto da Costa Filho

Chegamos ao mundo com louvores.
Viemos com saudade amarga e dura.
Filhos de Venus, a deusa da Ternura,
Sonhando e com suspiro dos amores !

Muitas vezes nascemos aos dissabores,
Geralmente cheios de amor e formosura.
No coração uma grande beleza pura
E não sabemos quem são nossos autores !

Se muitos forem seres mesquinhos,
De seus corações o bem se afasta.
A Natureza a eles não deu seus carinhos.

Mas, quando em um deles a maldade é vasta,
Difícil será trazê-lo para os bons caminhos,
Porque será infeliz e por isso só lhe basta !

São Paulo/Brasil

25 - Lágrima

Hilda Persiani

Quem nunca uma lágrima verteu,
Seja de tristeza ou seja de alegria,
Em qual face uma lágrima não correu?
Todas as faces ela umideceu um dia.

Quantas rolaram por amor desfeito,
Outras rolaram por amor traído...
Quantas ficaram retidas dentro do peito...
Outras tantas tremularam sem ter caído.

Incolor, límpida e transparente,
Às vezes até mesmo sem razão,
Escorrem pela face docemente
Ou rolam em suspiro pelo coração.

Mas quando se chega na terceira idade,
As lágrimas que banham nosso rosto,
Ou são causadas por algum desgosto
Ou deslizam como carícia, de saudade!...

A nós de volta ao Méier

Paulo Caruso

Visitar minha parentela nós viemos
neste sábado ensolarado sem excesso
de calor, o que me foi belo recomeço,
devido ao tempo longo em que não estivemos

por estas bandas do Méier nós dois,
o que grã falta me faz verdadeiramente.
Em alegria aqui estou belamente,
assim como em Icarai vós sois!

Icarai é bairro que decerto eu prezo,
com todas as belezas verdes qu'ele tem,
mas à minha mente nenhum bairro mais vem
que o Méier, pois para voltar a este até rezo!

No Méier não preciso voltar a residir,
mas estes ares eu amo sempre sentir!

Comendador Oliveira Caruso

Canção do Coração

DIMYTHRYUS

É passado o exílio
E volto a orbitar junto as palavras
Dissituado pouco articulado
Pintando pausadamente minhas sensações.

Debruçado ao lápis
Com um o quê de novo
Um renovo sorriso ao peito
Um saber de amor amado.

Adormecido ao tempo findo
O percurso calmo de uma lágrima
Um piscar desperta
E retoma a luz luzente a rosa.

O coração fugido
Destrama as grades
Assumindo a felicidade
De um sonho que nunca termina.

ALMA MINHA

Mercília Rodrigues

Não te encubras nesses debruns da dor!
Lembra-te das vias por estreitos trilhos,
Plantastes, nas curvas eiradas, flor,
Ganhaste, pelo teu caminho, brilhos!

Acaso colheste da flor, sementes?
Da estrada estreita, retiraste pedra?
Olhaste a noite de estrelas pendentes?
Apagaste a dor que entre sarça medra?

Sobra-te, agora, profunda saudade
de tudo aquilo que não retiveste,
o imensurável da efemeridade!

Somente no amor a alma se enobrece.
Se retirando a dor, sobrou verdade
foi o bem maior que pelo amor fizeste!

30 - EM NÓS

Luiz Otávio Oliani

o que há em nós
é a espera
que não finda

o que há em nós
é o desejo
de ver no outro
o que nos falta

o que há em nós
é a espera do porvir
que nunca chega

o que há em nós
é a fome
que não sacia

Festa da Natureza

Rita Rocha

A primavera é festa da natureza
É a magia das cores e da beleza.
É o sol que desponta com mais calor
É a vida ressurgindo em cada flor.

A cigarra cantando na árvore frondosa
A terra avivando a semente amorosa.
O vento faceiro o perfume carregando
As pétalas das flores desabrochando...

As mais lindas flores enfeitam o amor
Seu aroma sempre doce dissipa a dor.
O trinar dos pássaros no acasalamento
Festa de cores, luzes e deslumbramento.

Primavera de um amor lembrado
Da saudade sob o céu mais estrelado
Do amor que se faz mais fluente
Quando a pessoa amada está ausente.

Santo Antônio de Pádua

PINTURA ABSTRATA

Luiz Poeta

*(Luiz Gilberto de Barros às 10 h e 15 m
do dia 7 de julho de 2012)*

Observando cada tom da aquarela
Que delineia formas vãs e abstratas,
Eu percebi que cada vez que tu retratas
O que não vês, o teu amor está na tela.

Cada pessoa que visita a galeria
De quem tu és e se preocupa com a moldura,
Apenas vê o exterior da criatura,
Quando é por dentro que o pintor mais se recreia.

Feliz de ti, que te exprimes quando pintas
E pigmentas cada tom das tuas tintas
Com uma gota solitária do teu pranto

Pois quando alguém colher a lágrima feliz
Que tu choraste, há de ver cada matiz
Do teu amor feito da cor do teu encanto.

Marechal Hermes - Rio de Janeiro

...

Peixe, as Mulheres, a Menina e a Flor

Martha Galvão

À beira da água do rio
eu vi três mulheres sentadas
três mulheres plantadas
três mulheres caladas
à beira da água do rio.

Beirando a água do rio
uma menina de cabelos cacheados
colheu uma flor amarela
para uma das mulheres belas.

À beira da água do rio
a menina deu a flor porque quis
seu nome é Beatriz.

Salvador/Bahia

PARTIR

Maria da Fonseca

Eu quero preparar minha partida
Sem que não me abandone o meu Senhor.
Rezar a penitência arrependida
No mundo onde sofremos por amor.

Eu quero partir sem sentir remorsos,
Sem saudade seguir o meu caminho.
Sepultar no passado meus esforços,
Minhas recordações em desalinho.

Minha memória aos ventos eu deixar
Com a certeza da missão ausente,
Com a convicção do não regressar.

Quero partir, andando sempre em frente,
E este meu coração só entregar
A quem por ele vele eternamente!

Lisboa / Portugal

CHUVA

Hiroko Hatada Nishiyama

Chove chuva
Chove sem parar
Chove em meu olhar
Chove sem parar,
Pra ninguém me ver chorar.
Chove chuva,
Chove água,
Chove sonho,
Chove manso,
Chove sem parar.
Lave, leve, chove leve
Leve a chuva o meu sonhar,
Leve a chuva na enxurrada
Leve embora
O meu sonhar...

HOJE

Ivan Jubert Guimarães

Hoje vou enfeitar minha casa de flores!
Hoje quero a rosa mais linda que houver
(Com a licença da inesquecível Dolores),
Quero cantar, ter a paz que Deus me der.

Hoje não vou me preocupar com solidão,
Sou meu melhor amigo e estou junto de mim,
Prometo não ficar amargurado, hoje não!
Quisera todos os dias fossem assim.

Vou passar o dia fora passeando e rindo;
Não é todo dia que se faz aniversário,
Sessenta e dois anos, a velhice está vindo.

Por isso, meu dia tem que ser bem diferente;
Hei de fazer deste dia meu sagrado relicário,
Nada poderá impedir que hoje eu fique contente!

No limiar da sanidade

Isabel C S Vargas

Noites claras, brisa suave, calmaria
Sentada próximo aos coqueiros
Que reinam soberanos no pátio interno
Observo o céu, a lua, estrelas
Majestosas, lindas, humildes
Dividem em igualdade o firmamento
Para proporcionar aos simples mortais
O deleite de sua contemplação.
Ofertas sublimes do Criador
A estes filhos nem sempre gratos,
Pelos benesses Dele recebidas
De forma generosa, gratuita
Desde o nascimento até a generosa morte
Irmã cantada por Francisco o santo de Assis
Que amou tudo aquilo que o PAI criou.
Em meus devaneios, tento entender
Porque essa irmã, para mim maldita
A qual ainda não decifrei
O sentido e a razão, em sua loucura
Sem lógica e sem motivo
Roubou de mim meu tesouro,
Meu doce menino
A quem procuro quase insana,
No céu, nas estrelas, no universo.

Pelotas-RS- Brasil

ALENTO

Anna Maria Avelino Ayres

Eu hoje choro aquela aurora
que eu tive e perdi
mas num momento, ainda me lembro
que essa aurora de novo terei.
Beberei nos ventos aquela luz
o prazer de um sonho outrora desfeito.
E a cada nascer de um novo dia
secarei o pranto que fica a escorrer.

NÃO ERA MEU

Heidy Keller

O que um dia me pertenceu,
E agora não possuo mais,
Não é mais meu,
Nem a falta que faz.
Não quero o que não quis ficar,
O que não era para ser,
Aquilo não pode me dar,
O que não era para acontecer.
Nem quero mais lembrar,
Porque já me fez sofrer,
Preciso é encarar,
E isso finalmente romper.
Se não é meu,
Não posso querer,
Não me pertence,
Tenho que esquecer.
Só amar o que realmente tenho,
Irei vencer,
Sem lembra-me das perdas,
Vou me fortalecer.
Se eu não tenho,
Não era meu,
Um passado,
Que se dissolveu.

PALAVRAS

Nara Pamplona

Guarda uma contradição que assusta
Quando expressa carinho, amor
Fortifica e enaltece as relações
Aquece e acaricia os corações!

Se expressa respeito, consideração,
Vestida com simplicidade, sinceridade
Engrandece, enriquece a parceria
Em elos fortes, inquebrantáveis!

Ah, mas a que reflete incompreensão
Agressão, interpretações equivocadas.
Fere profundamente o âmago da alma...

Machuca sem parcimônia, pudor, piedade
Deixando rastros que fincam marcas profundas
Que somente o perdão apaga, levando ao esquecimento!

DESPEDIDA

Lino Vitti*

Quando entardece a vida e um sol pobre e enfermo
diz adeuses ao sonho e aos encantos do amor,
eu me ponho a chorar (chorar por causa disso?)
porque as sombras já vêm, põe-se em fuga o calor.

Onde está tudo quanto, envolvido em feitiço,
foi um tesouro imenso espargindo luzor?
O passado interrogo e as saudades atijo,
tudo em vão...tudo em vão...Vem da noite o pavor!

Tarde minha que vens, frigidamente triste,
és, suponho, e talvez, gesto de despedida,
um anseio final que ainda em mim persiste.

Eu sei que levas junto, inteira, a minha vida,
és dolorido adeus a que ninguém resiste,
és despedida, sim... Então, adeus, querida!

*Príncipe dos Poetas de Piracicaba

PI = (L/2) / R donde L = 2.PI.R ; (rs)

Marco Bastos

Onde tudo é Geometria e, se não Filosofia,
Vem a ser da História.
E nesse caso, na imprecisão da letra
E da palavra, sendo regular por ser medida,
É descalabro que escalavra.

Redijo e vaso o (rs) que não trava
(meio apagadinho, é certo)
Sem contudo vir a ser elo amarelo
Entre o abstrato e o sofisma do concreto.
Rio da fórmula, não da exatidão que ela encerra
Naquele PIR da Pirapora, no cio da pororoca.

Entre o real e a fantasia insinuou-se até poesia
Com as lantejoulas luzes do efêmero.
Mero ensaio sem o impacto das marolinhas
Já marolas, das hipérbolas já sem glórias,
Em metáforas sem afeto.
Essa parábola é a paranóia de uma elipse
Com seus eixos assimétricos e medidas provisórias...

Salvador- Bahia

Soneto da Casualidade

J.R.Cônsoli

Quem eu seria, caso eu não fosse?
Talvez a sombra do que eu nada fora,
Quem sabe o alento que não tomou posse,
Por ser a posse pouco duradoura.

Seria o nada, a rejeição do tudo?
Acaso o tudo com o vazio do nada?
Seria a fala na boca do mudo?
Quiçá a curva da encruzilhada!

Nessa dúvida atroz que virou norma,
Eu Não sou treva nem tampouco luz,
Talvez a sombra COM UMA OUTRA FORMA!

Sou do universo a experiência vã...
onde um iLUSÓRIO pixel me conduz,
Em busca dos fantasmas do amanhã.

CANTO DA DESPEDIDA

Ilka Vieira

Eu queria tanto continuar encantando
Viver livremente como passarinho
Entre árvores e lagos sair voando
Soltar meu canto de um ser mansinho.

Queria tanto continuar vivendo
Escolher meu alimento com fartura
Buscar água sem receio minuendo
Não me tornar apenas uma gravura.

Por onde ando? Reflita!
Sou vítima do seu abandono
Já não sobrevoo a paisagem bonita
Não vi a primavera e o outono.

Reproduzir-me, nem pensar...
Enquanto faltar bondade humana
Serei história pra se fazer chorar:
Vão-se passarinhos da terra brasileira.

RECANTO

Regina Coeli Rebelo Rocha

Vamos plantar aqui o nosso amor,
Dele cuidando como terra, um chão
Que nos traz luz, em vez de solidão,
E da aspereza faz surgir a flor.

Aqui, meu bem, é tudo encantador,
Oásis de amor e paz. E nada é em vão
Se a natureza vibra com emoção
E faz a vida resplender em cor.

E do pomar, da horta e do curral
Nós tiraremos frutos a mostrar
Que a terra nos provê do essencial.

Cansado o sol, à tarde vai deitar
E quando a noite acorda, sensual,
Eu me aconchoo a ti pra descansar.

TANTOS FANTASMAS

Ceres Marylise

Tantos fantasmas se converteram
na medula das coisas deste mundo
e sobre eles me derramei
como a chuva da aurora.

Deixei-me possuir por duendes
mensageiros da senhora solidão,
com medo do homem
cada dia mais irracional.

É ela que entra em minhas manhãs,
filtra-se mansa e silenciosa
ocupando os espaços vazios,
reforçando fibras do meu caminho.

Perco-me cansada e me submeto
filha de mim mesma, amor predileto
dessa sábia senhora que me veste
com túnicas de cinzas e corais

E cinge sua larga e escura cinta
em minha cabeça, em meu coração,
intensamente, inteiramente,
como a chuva que amanhece.

De Que Cor Nos Pintam?

Dioni Fernandes Virtuoso

Dourado, cores brilhantes, vibrantes, luminosas;
os que nos admiram dão pinceladas generosas...

Fazem, da nossa, a mais linda das pinturas,
pois, por serem lindas criaturas,
não enxergam defeitos em ninguém...

Há, porém, os que usam cores lindas à nossa frente,
mas quando estão de nossa vista ausentes,
agem tais quais rastejantes serpentes;
espalham, com malícia, tinta má na nossa vida,
deturpando a imagem antes escolhida.

Também encontramos nossa imagem
pintada a carvão por quem nada sabe do nosso coração
e, de má fé, assim agem: Utilizam-se de uma escala tonal escurecida
sem ao menos vislumbrar os matizes policromos de nossa vida...
Fazem tudo a seu talento, não importando o que de bom trazemos
dentro do peito,

pintando-nos somente com os olhos da sua vesga razão...
E assim vão tornando essa falsa pintura na mais abominável criatura,
em nada condizente com nossa real identidade...

Mesclando tintas de cor distorcida concluem sua obra preferida.
E, na verdade, se a fundo as formas analisar,
surpresa não será ao depararmos com o fato
de que pintaram, não a nossa imagem,
mas o seu próprio e realístico retrato!

Agoasto/2012 - Registro Nº: T3867130

AS CRIANÇAS

Alberto Oliveira

AS CRIANÇAS, SÃO ANUNCIADAS PELOS VENTOS.
E CHEGAM À VIDA, CAVALGANDO O CORCEL DO SOL.
SÃO ANUNCIADAS TAMBÉM, PELA CHUVA FINA
QUE PRENUNCIA A LUA E FECUNDA A TERRA.
AO CHEGAREM, ENCHEM DE AMOR E PRAZER,
OS CORAÇÕES DOS PAIS.
E DOS POETAS....

Sublime ventura...

Naidaterra

Tanto que te quero... devaneio...
O amor houve por bem planejar um encontro
de nós dois, eu quis, você quis e juntos,
vivemos a real essência da tal felicidade...
Pelo fulgor da minh'alma agora, eu digo,
de querer-te tanto, eu disse sim aos meus
desejos e vivi um dia nos teus braços,
inesquecível momento que ainda é "hoje" e,
revivo o que eu vivi, um amor profundo
que nunca está distante, doce saudade
que me leva adiante... e devaneio...

Sortilégio equivocado!

Nídia Vargas Potsch

O milagre nascido da receita aflitiva,
mistura do sabor da saudade
com o mistério contido na nostalgia,
em harmonia com a química do casal,
como numa copia autenticada, ou é
mal de amor, ou emoção misteriosa,
que avança como antídoto
típico de aventura de verão...

Como recompensa, para finalizar,
deixa-se o curso das águas
em marés violadas, concebidas
em pecaminosa atração estranha,
dissolver-se como fumaça
num assustador banquete etéreo
onde pranto não tem vez... apenas voz...
a voz do silêncio ensurdecedor...
num alvorecer excitante sem estrelas...

ESTADOS

Adilson Roberto Gonçalves

Depois de concebidos
ficamos em paz mergulhados no líquido
até nascer.

Quando crescidos
nos amamos, mas duros feito sólido
até morrer.

Assim falecidos
viramos gás volátil e ácido
até apodrecer.

Lorena-SP

(IN)CERTEZA

Isabel Passos

Com a esperança perdida
de voltar a ver-te,
caminho pela vida,
sozinha, sem vontade de viver,
atormentada pela (in)certeza
de que nunca me amaste.
Foi uma farsa forjada com tal subtileza
que, realmente, me enganaste!
Vivo, porém, de maravilhosas recordações,
enquanto um novo amor não acontecer.
Ainda que sejam meras ilusões,
não posso deixar fenecer
o bem precioso da Vida
que, com Amor me é oferecida!

Lisboa/Portugal

O GRANDE MURO

Eliane Triska

Um dia, hei de abeirar-me ao grande muro
E juntar-me aos milhares de destroços,
Mas eu vago na terra é pelos furos,
E outra coisa será o tempo nosso.

Qual letra tira o peito do vazio?
A graça da charada ao mundo cabe,
Mas, dentro dele, sem visão, eu rio.
Fora do riso, se couber, desabe!

Lembrar-me-ei da escola de Epicuro:
O existir sem temor de não ser mais
E, já não sendo, não temer o escuro.

Alguém virá fechar a minha boca
Dirá o sentir, com letras nos jornais,
Por ela ter virado coisa oca!

Canoas, RS-Brasil

VERDADE E... CONTRÁRIOS

Maria João Brito de Sousa

Bebi verdade e contrários
De um milhão de versos vários
Nascidos de uma tal sorte
Que formaram corolários...
De uns julgamentos primários...
Ninguém me adivinha o Norte!

Mil poemas, como este,
Da mesma doçura agreste,
Foram por mim cinzelados...
Tu, que me julgas a Leste,
Espelhas nos versos que leste
A mulher feita em bocados,
Mas nem mesmo adivinhaste
Donde lhe vem tal contraste,
O que a move ou por que escreve...
Dirás que talvez lhe baste
Enfrentar todo o desgaste
De quem a escrever se atreve...

Bebi mentira, invenção,
Mastiguei quanta ficção
Se engendra na “esfera azul”,
Silenciando a razão
Pela qual, à criação,
Ninguém descortina o Sul...

Así murió la rosa

María Sánchez Fernández

¿Cómo murió la rosa?

Murió en la languidez
dorada de la tarde
salpicada por mil besos de fuego.

Herida de tanto amor
se derramó en la tierra
cubriéndola de nieve.

¡Así murió la rosa!

María Sánchez Fernández
Úbeda/Espanha**BALCÃO**

Fernando Spanghero

Por detrás do balcão do bar,
Sinto a angustia que aflora
Na massa que espera encontrar
No copo, o amigo de agora.
Observo alguns ilustres homens perdidos
Perdidas mulheres que sonham constringidas
Percebo crises em personagens sofridos
Vejo pessoas com esperanças restritas

E aqui, a solidão que a estes inunda
Transborda em qualquer direção
Trazendo a dor que aprofunda
O silêncio guardado então.
Mas, o vazio do trago sorvido
Que mascara semblantes de tanta tristeza
É que lhes dá o sentido
De continuar copo à mesa.

Bebe aqui o homem que fala
Bebe aqui o homem que escuta
Bebe aqui o homem que cala
Bebe aqui o homem que luta
Destilando todos, as suas ilusões
Entorpecidas, que despertam fugazes
Um feixe de velhas emoções
Que os faz sentir capazes
De viver naquele momento
O sonho que é só um lamento.

POETAS

Dária Farion

Cor de rosa é o céu da literatura
Solferinas flores desabrocham nos corações
Nectarizando em cada verso a emoção luminiscente.

É sublime a poesia, são fantásticas as palmas que fazem eco
Vivenciando o amor, ovacionando poetas maravilhosos
Que nos entregam emoções na linguagem da poesia.

Ah o poeta!...Canta a vida, chora a morte, glorifica DEUS,
Enquanto ele canta a lágrima que em seus olhos brilha
Faz um arco-íris, vem colorir o eco de nossas palmas.

O CÉU AZUL REMETE AMOR

António Paiva Rodrigues

O céu é azul, o mar também, as estrelas brilhantes,
Iluminam nosso amor extenuante, que nos fascina,
Nasci para te querer, te abraçar com beijos fascinantes,
Nas horas de tristeza tu fortaleces a minha autoestima.
Traz-me calor, amor em profusão, não suporto tanta solidão,
O ser imperfeito tem sentimento forte, puro que enobrece,
Na luz dos meus olhos, procuro os teus para aclarar meu coração,
O nosso amor é forte, às vezes dilacerante, mas jamais fenece.
O ser humano não é absoluto, ele tem medos, e pode virar uma fera,
Tem mente para ser realmente um amante inveterado,
Preciso urgentemente de mais encanto, e florir a psicofera,
De flores, rosas cintilantes que seja um ambiente esperado.
Eu me coloco em seus braços para sentir o carinho que sonhei,
Quero você com sensações de extasia, ansiosa, a me esperar,
Nosso amor é transparente, real, efervescente como planejei,
Que todos os dias, ao calor de um beijo ardente, de abraços
frenéticos,
balbucie em altos brados, eu quero sempre te mar.

BREVE

ROBINSON SILVA ALVES (HIATUS)

BREVE,
NÃO IRÁS MAIS A PRAIA
POIS NÃO EXISTIRÁ MAIS MAR
ALEGRES DOMINGOS

BREVE,
AS ESTRELAS SE APAGARÃO
NÃO SABERÁS SE É INVERNO
OU VERÃO

BREVE,
AO ACORDAR
NÃO VERÁS O PÔR DO SOL
ESTARÁS COMPLETAMENTE SÓ

BREVE,
OS RIOS SECARÃO
NÃO EXISTIRÁ AGUA
NÃO HAVERÁ PÃO

BREVE,
SERÁ TUA EXTINÇÃO
DEVIDO A TUA ARROGANCIA
CAUSARÁS TUA DESTRUÇÃO. BREVE.

HIATUS

PILAR DA PONTE DO TÉDIO

(MOTE E GLOSA)
Conceição Tomé (São Tomé)

Mote

Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o outro.

(Mário de Sá Carneiro)

Glosa

Eu não sou eu nem sou o outro
Sou alguém bem mais profundo
Que olha indiferente o mundo
Com a lucidez de um louco.

Que ri, que chora, que sente,
Sou qualquer coisa de intermédio
Para o mal não vê remédio,
Não sou Deus, apenas gente.

Que neste viver iracundo
Dos doutos, só viu assédio,
Pilar da ponte de tédio
Num cais para o submundo.

Não estremeço e tão-pouco
Sinto o globo moribundo
Como errante vagabundo
Que vai de mim para o outro.

São Tomé
Amora/Portugal

Meu rubro pôr do sol

Donzília Martins

Não há outro igual ao meu rubro entardecer
Visto da minha janela!
É cada dia diferente! Mágico! Resplandecente!
Ora passeia entre as nuvens enchendo os veios de sangue
Como cabelos de mar,
Ora é grande e infinito, bola de fogo a queimar.
Não há poeta, nem há verso transversal
Capaz de fazer poema e este por de sol fatal!
Fica-se hipnotizado! Estático!
E só apetece olhar...olhar...olhar...
E nunca os olhos se cansam do sol deitado no mar.
Ilumina cada sombra, polvilha de ouro a areia,
Enche-me a mão de poalha e fico de alma cheia.
Chora p'lo dia que parte! É divino!
E até as ondas bailando parecem cantar-lhe um hino.
Bebe-se a luz, o fogo, o azul, o matizado!
Pegamos o mar inteiro na palma da nossa mão.
A alma transfigurada jaz ali extasiada
Fazendo do pôr do sol a mais sentida oração.

Póvoa de Varzim, 6 de set 2012

CONSPIRAÇÃO

Alcéa Romano

Vida é desassossego
Que não se tira com a mão
Amor é desapego
E muita conspiração
Vem de lá com jeito manso
Gostosura e sedução
Conversa boa, remanso
Depois, inquietação
Vida é desapego
E muita inspiração
Amor é desassossego
Descompasso no coração
Um dia bate tranquilo
No outro, sofreguidão
Viver a vida sem ele
Contudo,
Tem jeito não.

AINDA QUE ...

Maria Luiza Bonini

Ainda que todos os sons se emudecessem
O pulsar compassado de meu amar, persistiria
Num ritmo tão suave, tal meu canto, em poesia
Até que o derradeiro sopro de vida, a mim, faltasse

Ainda que o sol fizesse noite, enquanto é dia
E a escuridão soturna, até os céus, invadissem
E todas as estrelas, nesse tédio, adormecessem
Iluminaria, pelo amor, com as luzes que irradia

Ainda que rios e mares, por estio, evaporassem
Com as lágrimas da dor da saudade, os alimentaria
E, num derradeiro gesto, em suas águas, mergulharia

Ainda que todos os jardins, por abandono, sucumbissem
Em uma pequena rosa, sem espinhos, me transformaria
E, com as pétalas, tecidas em manto, teu corpo aqueceria

São Paulo/Brasil

O ANJO QUE MORAVA EM MIM

Clóvis Campêlo

O anjo que morava em mim
despediu-se e foi embora,
pois tudo tem sua hora
e tudo tem o seu fim.

Ainda o vi vacilante
dobrando a primeira esquina,
montado por sobre a crina
do cavalo rocinante.

Levantava altaneira
a espada da justiça,
a qual cortava linguíça
nos dias que ia à feira.

O anjo que morava em mim,
com toda a sua utopia,
foi tristeza e alegria,
histórias de folhetim.

Fez revoluções inúteis,
construiu muitas quimeras,
transformou gato em panteras;
em verdades, coisas fúteis.

Deixou-me aliviado
de tanta melancolia
pois só esperava o dia
de curtir os meus pecados.

Recife, 2010

PALIMPSESTO LONDRINO

Nuno Rebocho

ana bolema começa a despir a morte às tantas da noite
: ladies & gentlemen! o prepúcio do rei envolto pela cógula
não honra o carrasco. o olho do silêncio estremece
- por dentro da névoa dos sons o idioma desliza
para a cloaca do tempo: a londrina torre fecha-se no seu
ventre
onde a ostra da história é um corvo a inchar o banco do
império.

às cinco da tarde o tamisa entrava no autocarro
até ao canto dos palradores e ana bolema vestia
o idioma branco das noviças companheiras da morte
enquanto os guardas vigiam as jóias da coroa
e as árvores do nevoeiro com arrepios por fora da memória.
galopam os cavalos do desperdício como um violino fechado
na torre atrás do seu fantasma: é vil o império o manto e o
mando

que entretêm a história. thomas passeia o rigor da utopia
cerzida de grades sem livre arbítrio e o corvo faz a ronda do
tálamo

que forte é o tempo do silêncio que a memória esquece.
ana bolema começa a despir a morte às tantas da noite
enquanto o corvo sobre a ponte guarda o rio e o pescoço.
às tantas da noite. às tantas da madrugada. big ben.

Praia- Cabo Verde

S/Título

DinizMuhai

Num banco de areia de metro e meio
posso ver o Himalaias!
E descuro das técnicas alpinísticas
para o escalar

A bandeira que no cume asteio
carrega a glória de poder espantar
os pássaros que se saceiam
no canteiro do meu quintal.

A paz de que necessito
assemelha-se a imperatividade
de conter o soluço
ante a passagem vazia
de mercenários
a trinta centímetros de mim.

Maputo Moçambique

COROLÁRIO

Humberto Rodrigues Neto

Sendo imortal, minh'alma já existia
bem antes de eu ser soro, cal e artérias;
diáfano fluido de sutis matérias,
que às suas origens vai tornar um dia.

Por onde errou minh'alma fugidia,
plasmada que era em vibrações etéreas?
Que intensos gozos ou cruciais misérias
meu ser hialino em tais regiões hauria?

E enquanto homem, se fui servo ou rei,
se a irmãos amei, se a tantas mães judiei,
vivi os extremos do que ascende e cai!

Mas no ir-e-vir desse caminho velho,
há de chegar-me a cena do Evangelho
do filho pródigo que torna ao Pai!

S.Paulo/BR

* * *

Poema de

Petrônio Gonçalves

Como a folha
Que do galho cai
À sombra do tempo.
Como a terra
Que tudo rói
Sem sentimento.
Como o chá
Que na xícara faz
Seu banho de assento.
Com a lua nova
Que cansada de ser velha
Iluminou a noite escura e vazia,
Fazendo terna
A tarde que ia...
Assim,
Do nada que tudo vive,
Faz-se a poesia...

Belo Horizonte/MN/Br

SOR_RIR...

Francisco Coimbra

teus são os versos que escrevo
viajando das emoções ao mundo
e de toda a gente a quem devo
toda a partilha onde me fundo

tenho uma alma nua e diáfana
viajando no tempo a tempo de ir
ao encontro do momento ufana
faz da beleza este seu sorrir

corpo vivo sem lhe dar valor
desafio no silêncio nu diálogo
onde todas as coisas do amor
se deixam contagiar por algo

Açores/Portugal

ODE DO CEDRO DERRUBADO

Renã Leite Pontes

Não sobreviverei! eu não sobreviverei
Se me deceparde. Eu nunca serei Rei
Num reino de horrores... Ah, a chama apaga.
O tempo apaga até a cicatriz da chaga.
Por Deus! Por Deus, o golpe fatal me dê.
Dê-me o fatal golpe, não quero esperar ode.
Quero as chamas... Fogo que o aço a cinzas reduz,
Quero golpes de machadas e estouro de arcabuz.
Cinzas! Cinzas! Cinzas! Eu quero o teu carbono.
Eu vou ressurgir das cinzas do abandono.
É só por isto que o golpe fatal quero logo.
Fira-me com a força do mês de janeiro.
Golpeie de uma vez meu tronco alvissareiro.
Vou brotar das cinzas, renascer do fogo.

Rio Branco/AC

Deusa ocidental

Vivaldo Terres

Se um dia alguém disser...
... que te trai!
Não acredites não!
Pois jamais meu coração.
Iria aceitar tanta baixeza e tanta humilhação.

Pois é ele que me inspira.
A falar-te de amor e ternura...
Como poderia trair-te.
Se assim o fizesse...
Estaria à beira da loucura.

Meu coração vivi.
Por teus beijos!
Pela doçura que os teus...
... lábios têm!
Pelo sublime encanto...
... do teu corpo!
Pois tenho certeza
Que é meu e de mais ninguém

Esse amor que a ti...
... dedico!
Podes não acreditar!
Mas é leal.
Quantas noites perco o sono.
E fico a adorar-te.
Minha deusa ocidental.

Itajaí/BR

Mútuo amor

Amilton Maciel Monteiro

Ó Deus que nos concedes este mútuo amor,
que dá encantamento lindo à nossa vida,
queremos nestes versos te prestar louvor
e agradecer a graça que é de ti fluída!

Anima muito e sempre este nosso ardor!
Que nossa caminhada seja revestida
de um afago recíproco, revelador
do verdadeiro amor que em ti tem a guarida!

Que possamos viver em constante alegria,
felizes com o que temos e esta vida encerra,
amando-nos de fato em nosso dia-a-dia.

Por certo é o prenúncio da eterna ventura,
ainda maior que esta que nos dá na terra,
conforme prometeste à humana criatura!

São José dos Campos/BR

Noite de Verão

Marise Ribeiro

A tarde agoniza, a solidão se aproxima...
Envolta em sons de um bolero magoado,
Espalha, nas paredes do quarto abafado,
A melodia da carência de estima...

Lá fora, sombras se agrupam nos cantos...
Em mim, a dor... - sempre ela -,
Se aninhando em meus recantos,
Espremendo o peito, remexendo lembranças,
Arrancando prantos...

Quisera exorcizar os amanhã, quisera!...
Pudesse eu, nesta noite de verão,
Esfriar a saudade e, sem receio,
Florescer-me em dias de primavera...

Mas já nem ousou sonhar...
O sofrer tranca o depois,
Enfraquece a ânsia pela alvorada
E me suga o desejo de regar nós dois...

Rio de Janeiro/Br

A OUTRA FACE

António Castelbranco

Esquece o teu passado, olha o presente,
instante que não mais consegues ter,
fugaz na transição do tempo ser,
futuro que se anseia e não se sente.

As lágrimas toldando a tua mente,
memórias agarradas de sofrer,
com agulhas de sangue vais coser
as mágoas desse tempo já ausente.

Da dor assim liberta, podes ver
quão rica te tornaste no viver,
quão forte transformaste a tua vida.

Nessa doce lembrança doutro amor,
anseias novamente por penhor...
com minh'alma não mais serás ferida.

Lisboa/Portugal

AINDA E SEMPRE

Cleide Canton

Expostas as memórias esquecidas
no abrir do livro cinza da saudade,
revelam-se, sem brilho e sem vaidade,
as asas de dourado revestidas.

E batem contra o vento, arremetidas,
tentando, desta vez, com mais vontade
romper, a qualquer custo, a imensa grade
que guarda suas dores mais sentidas.

No azul o tempo diz que tudo vale,
embora o entardecer já não embale
os mesmos desejares rotineiros.

E a lua, bem depressa dita a festa,
na mesma cor dos ecos da seresta
que viu nascerem sonhos passageiros.

S.Carlos, 07/01/2012

Meu amor

Tania Montandon

Antes e depois de nascer o Sol
Na profunda imensidade do vazio
E a cada lágrima dos meus pensamentos.

Eu te amo
Por lembrar-te nos ventos que cantam,
Em todas as nuvens que choram,
Na extensão infinita do tempo
No coração onde teus carinhos moram.

Eu te sinto
Em todas as coisas boas da vida,
Na brandura que trazes quando estou com medo,
Na vontade de te olhar pelo céu, perdida
E na tua falta vestida em segredo.

Eu te quero
Perto de mim pra sentir tua pele,
Com tua energia singular e brilhante
E antes do primeiro beijo e do eterno anseio.

Eu te desejo
A mais serena noite angelical
Amando-te em sonhos derramando sorrisos
Esperando pra te acariciar sem siso
Suavemente. Ao sabor natural

eTernamente...

Belo Horizonte/Brasil

Um Verso Perfeito

Sá de Freitas

Por ser poeta minha mente avança,
Desde há muito, buscando um universo,
Que se agasalhe, num perfeito verso,
Cheio de fé, de paz e de esperança.

Um verso que ao descrente dê confiança,
Dê compaixão ao coração perverso;
Que salve o amor, no ódio submerso,
E retire, do mau, qualquer vingança;

Que mostre, sem errar, o rumo certo,
Aos que, do abismo, encontram-se tão perto,
Aos que não veem a verdadeira Luz.

Mas só Jesus fez verso tão profundo,
Para ajudar a humanidade e o mundo...
E... Como prêmio, recebeu a Cruz.

Avaré-SP-Brasil

A VOLTA DO PESCADOR

Ary Franco

Vento que leva meu barco, enfunando-lhe a vela.
Cabe a mim apenas manter mãos firmes no leme,
Singrando no rumo certo, retornarei até ela.
Graças ao teu sopro, dispensável que eu reme.

Continues forte, assim chegarei mais rápido.
Meu peito está ardente, flechado por Cupido.
Quero de imediato aportar em meu destino.
Cobrir de beijos meu amor, em doce desatino!

Céu estrelado. Minha rota é iluminada pelo luar.
Brisa suave em meu rosto, sigo a rasgar o mar.
Já vejo as luzes da praia no horizonte distante.
Nesse aproximar, tenho o coração palpitante.

Pouco pescado. Só trago no peito muita saudade.
Mas, quando em seus braços, cessará esta ansiedade.
O frio da noite me açoita, mas logo com ela estarei
E, no aconchego dos seus carinhos, me aquecerei!

Ary Franco (O Poeta descalço)

A Dança dos Pares Perdidos

José Antonio Jacob

Dissolve-se a família, e eu não sabia
Que ausências aparecem sem querer.
A mesa vai ficando mais vazia,
Até a nossa casa emudecer.

O mundo é isso mesmo, eu me diria...
Mas, ouço a Voz que teima em me dizer:
- A vida traz momentos de alegria,
Se eles se vão, alguém tem que sofrer.

Entro no quarto escuro e não confio
No beijo eterno da mulher amada,
E o meu abraço abraça o seu vazio...

Eu fiquei só na dança inacabada,
Perdi meu par na vida e desconfio
Que eu morri e ninguém me disse nada.

Juiz de Fora/MG

Méritos...

Lauro Kisielewicz

Dentre tantas honras
e homenagens recebidas,
sinto-me um tanto inibido,
por achar não ter ainda,
merecido tamanho afeto
em calorosas acolhidas...

Sou pequeno e aprendiz,
nada tenho e pouco sou,
mesmo assim sou feliz
partilhando minha paz,
distribuindo alegria,
e quem me dera, um dia,
compartilhar sabedoria...

Acho que recebi demais,
acima do que imaginei,
talvez um dia eu mereça
Dez por cento do que ganhei.

O MEU EU CRIANÇA...

Ademar Macedo/RN

Um sonho que me extasia
e me traz muita esperança,
é ver livros de poesia
nas mãos de toda criança.
Confesso: tenho esperanças
antes de ficar senil,
de ver, nas mãos das crianças,
o futuro do Brasil!
Paz, inocência e bonança,
vamos ainda encontrar
no sorriso da criança
antes que aprenda a pecar.
O meu eu sofreu mudança,
uma mudança sem fim.
só não mudou a criança
que eu fui e que vive em mim!

BALADA DA FANTASIA

Humberto Soares Santa

Salvé!... ó deusa da terna poesia,
Senhora dos oníricos espaços,
Rainha daqueles sonhos, que em meus braços
Activam a ilusão e a fantasia.

Avé!... Fada do amor e do abraço,
Que recria na alma a luz e a cor,
Transforma este meu corpo numa flor...
... Protege-a no calor do teu regaço.

Ó senhora de todos os amores,
Com a força dos teus belos rituais,
Faz crescer no teu corpo lindas flores

Que tomem, do amor, os tons reais.
Ao ver na tua mão, tão lindas cores,
Não quero, a preto e branco, sonhar mais!...

Que importa?...

Carmo Vasconcelos

Que importa os tempos negros já passados,
os foscos dias, sem sol ou réstia dele...
Se com lágrimas foram já lavados
e em versos sepultados no papel?

Que importa os ais, sustidos, engasgados,
os arrepios revoltos pela pele,
se todos se aplacaram desbastados
p'la douta lei da vida e seu cinzel?

Perfeita a mão da sábia natureza
que nos modela ao traço estrutural
que exige pormos n' alma mais nobreza;

passo a passo na viagem oscilante,
polirmos nosso cerne existencial,
e a pedra lapidarmos em diamante!

FICHA TÉCNICA

Director

Victor Jerónimo
(Portugal/Brasil)

Directora Cultural

Carmo Vasconcelos
(Portugal)

Responsável pela Redacção

Mercêdes Pordeus (Brasil)

Design Gráfico e Composição

Victor Jerónimo

Nosso sítio

<http://www.eisfluencias.ecosdapoesia.org>

Nosso blogue

<http://eisfluencias.blogspot.pt/>

Facebook

<https://www.facebook.com/eisfluencias>

Contacto

eisfluencias@gmail.com

Conselho de Redacção

Abilio Pacheco (Brasil)
Carlos Lúcio Gontijo (Brasil)
Clóvis Campêlo (Brasil)
Humberto Rodrigues Neto (Brasil)
Luiz Gilberto de Barros (Brasil)
Marco Bastos (Brasil)
Petrônio de Souza Gonçalves (Brasil)

Correspondentes

Amosse Mucavele (Moçambique)
António da Cunha Duarte Justo
(Alemanha)
María Cristina Garay Andrade
(Argentina)
Nuno Rebocho (Cabo Verde)
María Sánchez Fernández (Espanha)
Oleg Almeida (Bielorussia)

"As autorias das obras aqui presentes são de inteira e exclusiva responsabilidade dos seus autores e dos colaboradores que no-las enviam para publicação, tal como a sua revisão literária. A aderência, ou não, ao Novo Acordo Ortográfico, fica também ao critério dos autores".

Revista de eventos, actualidades,
notícias culturais, político/sociais, e
outras, mas sempre virada à directriz
cultural, nas suas várias facetas.

Propriedade de
Mercêdes Batista Pordeus Barroqueiro
Recife/PE/Brasil

Tiragem: 100 ex

Distribuição Gratuita

Divulgação via internet

Depósito legal
LEI DO DEPÓSITO LEGAL LEI N°
10.994, DE 14 DE DEZEMBRO DE
2004
Biblioteca Nacional
Brasil

ISSN 2177-5761

